



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA

CÍCERO DE SOUZA LEITE

DEDÉ MONTEIRO: HÁ 50 ANOS, POETIZANDO O SERTÃO E O SEU POVO

Serra Talhada
2019

CÍCERO DE SOUZA LEITE

DEDÉ MONTEIRO: HÁ 50 ANOS, POETIZANDO O SERTÃO E O SEU POVO

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Serra Talhada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Dr. Jean Paul d'Antony

Serra Talhada
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

L533d Leite, Cícero de Souza
Dedé Monteiro: há 50 anos, poetizando o sertão e o seu povo/
Cícero de Souza Leite. – Serra Talhada, 2019.
54 f. : il.

Orientador: Jean Paul d'Antony
Coorientadora: Andreia de Lima Andrade
Coorientadora: Maria do Socorro Pereira de Almeida
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura
em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade
Acadêmica de Serra Talhada, 2019.
Inclui referência e anexos.

1. Literatura popular. 2. Poesia Monteriana. 3. Monteiro, Déde.
I. D'Antony, Jean Paul, orient. II. Andrade, Andreia de Lima,
coorient. III. Almeida, Maria do Socorro. IV. Título.

CDD 400

CÍCERO DE SOUZA LEITE

DEDÉ MONTEIRO: HÁ 50 ANOS, POETIZANDO O SERTÃO E O SEU POVO

Aprovado em: ____/____/____

Nota obtida: _____

Banca Examinadora

Dr. Jean Paul d'Antony
Prof.º. Orientador

Dr.ª Andreia de Lima Andrade
Prof.ª Examinador 1

Dr.ª Maria do Socorro Pereira de Almeida
Prof.ª Examinador 2

Dedico esta monografia primeiramente a Deus,
à minha família e aos meus amigos que
sempre buscaram o melhor para mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me concedido muita força, ânimo, luz e sabedoria para perseverar na caminhada.

Agradeço a minha tia, Onorina Leite da Silva, pela paciência e compreensão em suportar meu isolamento para a produção do trabalho.

Agradeço aos meus pais, Severino Pereira Leite e Severina de Souza Leite, por terem concedido o dom da vida e a alegria de viver.

Agradeço as minhas queridas irmãs, Cilene Leite, Celia Leite, Sonilda Leite e Cícera Leite que, sempre me incentivaram e nos momentos difíceis, continuavam firmes e fortes na fé em Deus, pedindo ao Senhor que iluminasse a minha mente na escrita da tese (monografia).

Agradeço aos meus nobres amigos, José Luiz de Brito Coelho e Antônio Leandro de Melo Sousa, por torcerem pelo meu sucesso e estarem comigo nessa caminhada.

Agradeço as minhas queridas sobrinhas, Sabrina, Mariana, Maria Eduarda, Sofia e Maria Eulália, pelo carinho, alegria e serem meu ânimo e coragem para perseverar na caminhada.

Agradeço aos meus queridos sobrinhos, Miguel e Hércules, pela força que me deram para que pudesse seguir firme e forte neste caminho.

Agradeço as minhas queridas amigas, Nathália Queiroz, Claudivânia Rodrigues e Lindinalva Teixeira, que não deixavam de pedir a Deus que me enchesse de forças e sabedoria no decorrer deste trabalho.

Agradeço, em especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Jean Paul d'Antony, que, por acreditar na minha capacidade, aceitou ser meu orientador e, ao mesmo tempo,

desafiou-me, com bastante paciência, tolerância e competência, a concretizar este trabalho.

Agradeço à Profa. Doutoranda, Luciene Barbosa de Souza que com seu conhecimento e humildade, contribuiu imensamente para minha formação e conclusão deste trabalho, pois me incentivou a não desistir da caminhada.

Agradeço ao Prof. Dr. Walison Paulino de Araújo Costa, que, de forma bastante segura e com sensibilidade, ajudou-me nesta caminhada, com suas contribuições significativas para o meu amadurecimento e permanência na graduação. Não foi apenas um professor, seu olhar e ação humana encorajou-me, assim, não só a crescer academicamente, mas a prosseguir.

Agradeço ao Prof. Dr. Sávio Roberto Fonseca, à Profa. Doutora Andreia de Lima Andrade, e à Profa. Doutora Maria do Socorro Pereira de Almeida por terem sido meus incentivadores do estudo da Literatura.

Agradeço ao poeta e amigo Hélio Francisco Leite, que, movido pela temática da poesia de Dedé Monteiro, de forma generosa, forneceu-me informações valiosas sobre as obras do poeta Dedé Monteiro. Grande é a sua contribuição neste trabalho.

Agradeço à Universidade Federal Rural De Pernambuco pelo investimento e ensino de qualidade, proporcionados nestes anos de graduação.

Agradeço ao Departamento De Letras da Unidade Acadêmica de Serra Talhada- UAST, pelo ensino e pelo apoio.

Agradeço ao poeta Dedé Monteiro, a quem dedico este TCC, com toda minha admiração e respeito. Não tenho palavras para expressar todo o meu agradecimento, nesta fase de conclusão do trabalho, pela sua humildade. Sua atenção, gentileza, simpatia e acessibilidade jamais serão esquecidas por mim. Não posso silenciar o quanto este poeta empenhou-se em colaborar, significativamente, para o desenvolvimento deste trabalho, desde a disponibilidade, entrevistas e informações necessárias para que houvesse a concretização do TCC.

Agradeço a minha amiga de todas as horas, Adimilsa Melo, por meio de nossa amizade, que se construiu na graduação, e, ao longo do tempo, fortaleceu-se graças aos nossos anseios em busca dos mesmos sonhos para concluir nossas pesquisas. Tenho certeza de que, se usasse todos os adjetivos, mesmo assim eles ainda não contemplariam toda sua generosidade. De uma coisa tenho certeza: aprendi com você que “amigo é presente de Deus”.

[...] É preciso pelo mundo não sermos consumidos. Nossos sonhos e projetos tê-los traduzidos; Os homens, no conhecimento, instruídos. E os bens entre todos, divididos.

Cícero Leite, 2009.

RESUMO

No contexto das universidades brasileiras, no campo da historiografia e crítica literária, há pesquisadores desenvolvendo estudos sobre a poesia popular. No entanto, não há trabalhos que fazem referência as obras do poeta Dedé Monteiro. Com esse propósito, objetivamos mostrar a importância da poesia monteriana e dar visibilidade ao poeta supracitado, visto a importância e originalidade da sua obra e tentar preencher esta lacuna produzida nesse domínio dos estudos da literatura popular. Quanto à metodologia, realizamos uma breve análise dos poemas "*Toda Casa de Taipa Abandonada Guarda um Grito de Fome Dentro Dela*", "*Humildade*" e "*Eu Me Sinto Mais Filho do Sertão*," presentes nos livros: *Mais Um Baú de Retalhos e Fim de Feira*, de Dedé Monteiro. Observa-se na análise dos poemas citados a preocupação do poeta quanto ao descaso das autoridades na questão das secas periódicas e conseqüentemente a fome, enfim, a poesia de Dedé Monteiro é uma poesia de denúncia. Além da temática, é notável a obediência do poeta ao rigor quanto ao uso da língua portuguesa e a técnica da métrica.

Palavras-chave: Literatura popular. Poema. Dedé Monteiro.

ABSTRACT

In the context of Brazilian universities, in the field of historiography and literary criticism, researchers have developed studies on popular poetry. However, there are no works that refer the literary work of the poet Dedé Monteiro. With this purpose, we aim to show the importance of monteriana poetry and give visibility to the abovementioned poet, given the importance and originality of his literary work and try to fill this gap produced in this field of studies of popular literature. As for the methodology, we do a brief analysis of the poems "Toda Casa de *Taipa Abandonada Guarda Um Grito de Fome Dentro Dela*", "*Humildade*" and "*Eu Me Sinto Mais Filho do Sertão*," present in the books: *Mais Um Baú de Retalhos e Fim de Feira*, of Dedé Monteiro. It is observed in the analysis of the cited poems the concern of the poet as to the disregard of the authorities in the matter of the periodic droughts and consequently the hunger; finally, the poetry of Dedé Monteiro is a poetry of denunciation. Besides the thematic, it is remarkable the obedience of the poet to the rigor in the use of the Portuguese language and the metric technique.

Keywords: Popular literature. Poem. Dedé Monteiro.

LISTA DE IMAGEM

Imagem 1 -Foto de Dedé Monteiro lendo.....	17
Imagem 2 - Capa do livro “ Retalhos do Pajeú”.....	25
Imagem 3 - Capa do livro “ Mais Um Baú de Retalhos”	26
Imagem 4 - Capa do livro “ Fim de Feira”.....	28
Imagem 5 -. Capa do livro “ Meu Quarto Baú de Rimas”.....	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Metrificação do poema "Toda Casa De Taipa Abandonada Guarda Um Grito De Fome Dentro Dela".....	37
Tabela 2 - Metrificação do poema “ humildade”	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. CAPÍTULO 1 - VIDA E OBRA DO POETA DEDÉ MONTEIRO.....	15
1.1 Dedé Monteiro: Um Baluarte da Poesia Popular Nordestina.....	17
1.2 Inspirações e Influências.....	21
1.3 Obras de Dedé Monteiro – Um Olhar Literário que Emana do Nordeste...24	
1.3.1 Retalhos do Pajeú.....	25
1.3.2 Mais um Baú de Retalhos.....	26
1.3.3 Fim de Feira.....	28
1.3.4 Meu quarto Baú de Rimas.....	30
2. CAPÍTULO 2 – FASES DA POESIA DE DEDÉ MONTEIRO.....	32
2.1 Poesia Monteriana.....	32
2.2 Análise dos poemas.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	52
ANEXOS.....	53

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como intuito de realizar uma breve análise dos poemas do poeta Dedé Monteiro, ressaltando a importância e influência de seus escritos tanto cultural quanto literária. Nesses escritos são narrados a sua história e de seu povo e foram também neles feitas críticas ao descaso de governos omissos em defesa da minoria, ao mesmo tempo em que usa de linguagem simples, porém erudita, suas características são estritamente da poesia clássica.

É no Nordeste que se encontram os mais famosos poetas de bancada, repentistas e cordelistas, e foi lá que nasceu e cresceu Dedé Monteiro, influenciado pelos versos e rimas começou também a escrever, tornando-se um poeta de bancada. Após 50 anos de carreira poética lançou quatro livros: “*Retalhos do Pajeú*” (1984), “*Mais Um Baú De Retalhos*” (1995), “*Fim De Feira*” (2006) e “*Meu Quarto Baú De Rimas*” (2010).

Para melhor análise dos poemas do poeta supracitado, esse trabalho foi realizado a partir de pesquisas bibliográficas, tese de doutorado e sites especializados e não especializados em poesia. E teve como objetivos mostrar a importância da poesia monteriana (poesia de Dedé Monteiro) de forma abrangente, especialmente para a cultura nordestina e tanto quanto para a literatura brasileira; Dar visibilidade ao poeta Dedé Monteiro. Ao realizar a análise de seus poemas, os quais compõem o *corpus* da pesquisa, observa-se uma caracterização engajadora, forte, combatida e que sempre esteve presente na vida do povo, que luta e fala com o povo e pela terra.

Os poemas analisados foram: “*Toda Casa de Taipa Abandonada Guarda Um Grito de Fome Dentro Dela*”, o poema traz em seus versos o êxodo rural provocado pela seca, em especial no Sertão nordestino do Brasil, o poema “*Humildade*”, evidencia o patriarcalismo e na inferioridade vivida pelas mulheres e por fim, o poema “*Eu me Sinto Mais Filho do Sertão*”, é representado como versos de gratidão por morar no sertão, agora, diferente dos outros poemas, o poeta narra os bons costumes, festejos e culturas do seu povo, mostrando o lado bom de ser do sertão do Pajeú.

Para melhor compreensão, este trabalho está dividido da seguinte forma: o primeiro capítulo intitulado: “Vida e obra do poeta Dedé Monteiro, apresenta o poeta, suas origens, influências e sua formação acadêmica. Há alguns escritores que escrevem o que geralmente é falado ou histórias e fatos que são empiricamente aprovados, porém há outros que perceptivelmente se vê a sua vivência em suas palavras. No caso de Dedé Monteiro, vê-se em seus versos, que as suas obras concentram-se em suas histórias e nas histórias de seu povo. As características dos seus poemas são facilmente reconhecíveis, o que os levam a ser chamados de monterianos, escrevendo em diversos estilos e contemplando ainda a forma clássica da poesia.

O segundo capítulo, “Fases da poesia monteriana”, refere-se à trajetória da poesia monteriana. Em um primeiro momento, o poeta tem como seu maior legado o diálogo com outras faces da literatura popular, sobrevivendo com originalidade à pressão social. Afirma-se no binarismo da literatura popular, mas faz uso de uma linguagem erudita. Está também presente o uso da flora e fauna em sua poesia, assim como metáforas da vida e relações pessoais. Em um segundo momento, o poeta surge como um homem que vive em um nicho urbano, mas que ainda tem suas raízes no ambiente rural e seus poemas surgem como memórias, releituras passadas do sertão e de suas experiências, nesta fase, porém, se mantém firme e assume o seu primado de poeta, saltando para mais um pilar e agora indo ao encontro de grandes poetas. Neste capítulo também, realiza-se a análise dos poemas acima citados.

CAPÍTULO 1

VIDA E OBRA DO POETA DEDÉ MONTEIRO

A Literatura deve ser entendida como um fenômeno presente na vida do homem. Não é somente o reflexo da sociedade, ela é a expressão da individualidade, mas também a voz do coletivo o qual lança um olhar novo sobre a realidade, aponta caminhos que possibilitam verdades, um desvendar e um enriquecimento do senso crítico da humanidade. Um escritor não enfrenta um papel em branco por acaso, ele tem um objetivo, um posicionamento, um lugar de fala, fala para alguém em frente a uma realidade, busca recriá-la:

a Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio (COUTINHO, 1978. p.9-10).

O escritor pode trabalhar inúmeras temáticas, que vão desde temas relacionados à vida em sociedade, à condição humana, pode abordar questões concernentes às desigualdades sociais, às realidades de minorias e especialmente partindo do ser humano e da condição de vida e seu relacionamento com o ambiente em que vive. O poeta surge, nesta perspectiva, como aquele ser que tem sua realidade sublimada, nasce como os demais seres humanos, no entanto sua sensibilidade o leva a ver e sentir a vida de forma singular, ele cria o poema, mas é formado pela vida. O poeta vive, sente, fala, escreve causas da vida, finge e poetizando imortaliza a realidade em que está inserido.

Nosso primeiro contato com o poeta popular Dedé Monteiro, foi através de um poema que tem como título e mote¹: *“Toda casa de taipa abandonada Guarda um grito de fome dentro dela”* (mote de Manoel Filó) este poema nos foi apresentado pelo poeta Hélio Francisco Leite, estávamos em um ônibus escolar e fazíamos o trajeto da Vila Jatiúca à cidade de Santa Cruz da Baixa Verde, no final do ano de 1998. Esse poema trazia em seus versos a realidade do êxodo rural provocado

¹O mote diz respeito ao tema do poema.

pelas secas periódicas que castigam a região Nordeste do Brasil e em especial o Sertão. Este fenômeno natural é agravado por falta de políticas públicas que se efetivadas possibilitariam a permanência do homem do campo. Proporcionaria uma vida digna e sustentabilidade para o a população desta região.

O poema mencionado, é composto por quatro estrofes em versos decassílabos que descrevem, retratam, vivenciam a saga do homem do campo, o drama de famílias separadas, sonhos interrompidos e histórias não contadas. Só um poeta que vive no Sertão poderia poetizar com maestria, sensibilidade e autenticidade a cultura e a identidade do povo sertanejo. E esse poeta não pode poetizar esta realidade sem ter vivido ou ser uma testemunha deste desterro, porque os versos não falam da seca, da fome, do homem que deixa sua terra, de sua moradia do Sertão, das famigeradas políticas de convivência e permanência do homem nesta terra. Esses versos foram escritos por alguém que vive no Sertão, homem que sobreviveu a secas e ao mesmo tempo é testemunha e vítima das dificuldades do sertão que luta, fala e dá voz ao sertanejo. Não fala pelos pobres homens, fala com eles, poetizando o sertão e seu povo. A seguir, no poema: “Dedé diz quem é Dedé”, o poeta se apresenta.

Dia 13 de setembro,
Ano de quarenta e nove,
Já Tabira emancipada,
Barro Branco se comove:
O casal Olívia-Antonio,
Por bênção do matrimônio,
Recebe, com muito amor,
Cheio de esperança e fé,
O poetinha Dedé,
Na “Casinha do Tambor”.

Ano de cinquenta e três,
Acontece a novidade:
Dedé deixa o Barro Branco
E vem morar na cidade.
Dezembro, sessenta e dois,
Finda o primário e, depois,
No fim de sessenta e seis,
{Atinge o ponto final}
Do curso ginasial,
Feliz por tudo o que fez!

É nesse tempo, também,
Que faz seus primeiros versos,
Que estão por aí afora,
Extraviados, dispersos...

Versos simples e inocentes,
Que só mostrava aos parentes,
Gente de fora não via...
Mostrava aos de casa, sim,
Porque parente é assim:
Aplauda até porcaria...
(...) (MONTEIRO, 2010, p. 24 – 28)

Imagem1.Foto de Dedé Monteiro lendo



Fonte: Rádio OxeOxente WEB, **Foto de Dedé Monteiro lendo** (2015).

1.1 DEDÉ MONTEIRO: UM BALUARTE DA POESIA POPULAR NORDESTINA

Este subtítulo tem como objetivo narrar partes da vida e da obra do escritor Dedé Monteiro, apresentando o perfil² biográfico desse poeta pernambucano radicado na cidade de Tabira. É um poeta que se dedica a poesia popular há mais de cinquenta (50) anos, embora ainda não pertença ao cânone.

Seu nome de batismo, com sobrenome de família, é José Rufino da Costa Neto, mas assina sua obra como Dedé Monteiro. A origem do sobrenome Monteiro

²“Diferentemente das biografias em livro, em que os autores têm de enfrentar os pormenores da história do biografado, os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa. É uma narrativa curta tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações de repórter” (VILAS BOAS, 2003, p.13). Com base em Vilas Boas, não sigo uma ordem cronológica dos fatos quanto ao perfil biográfico do poeta Dedé Monteiro.

se deve ao fato do seu pai, Antônio, ter sido criado pelo padrinho Miguel Monteiro. Com o passar dos anos, o menino ficou conhecido como Antônio de Miguel Monteiro e depois conhecido apenas por Antônio Monteiro e esse apelido foi herdado pelos filhos. O próprio Dedé Monteiro, desde adolescente, assinava suas provas, no tempo de escola, como José Monteiro e depois, incorporando o apelido de família, ficou Dedé Monteiro, assim como seus irmãos Paulo, Mário e Gonga, todos com o sobrenome Monteiro, tendo como origem o sobrenome do padrinho de seu pai. Dedé Monteiro é descrito no prefácio do livro *Fim de feira*, por Evilácio Feitosa, como o homem que “exala poesia, sertão e simplicidade³”. Dedé Monteiro o tipo de sertanejo pernambucano que tem sua identidade marcada e fundida com sua terra.

O poeta Dedé Monteiro estudou Letras na Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde e ainda Educação Física pela ESEF/FESP, de Recife, algo que o diferencia de muitos poetas populares é justamente a sua formação. Exerceu seu ofício de professor, contribuindo com a formação de gerações e, paralelo ao seu trabalho de professor, deu contribuições no sentido de poetizar o sertão e seu povo. Sua obra foi forjada com dedicação, esforço, entrega e resiliência, declamou, versejou, sentiu, “fingiu”, criou e especialmente vive e fez de seu trabalho sua vida.

Do ponto de vista da forma, o seu estilo representa uma literatura de expressão oral e raiz popular. Segundo Cascudo (2012), a denominação Literatura Oral data de 1881 e diz respeito a uma literatura que persiste principalmente através da oralidade, ainda segundo o autor, “a Literatura Oral brasileira reúne todas as manifestações da recreação popular, mantidas pela tradição”. (CASCUDO, 2012, p. 19). Uma literatura com essa raiz tem sua base na tradição, que significa a transmissão do conhecimento de um povo ao longo do tempo. Dentro dessa literatura, Dedé Monteiro é um legítimo representante da poesia engajada que mostra a nudez da verdade e lucidez em interpretar os fatos sociais e parece expressar desejo humano de mudar as realidades do mundo, na medida em que procura levar o outro a reconhecer e interpretar sua realidade.

³MONTEIRO, D. **Fim de feira**. Recife: Editora Coqueiro, 2006.

O vate⁴ publicou obras importantes, que são marcos na poesia popular, nelas podemos verificar um refinamento do estilo e da forma, a poesia ganha ritmo próprio, buscado no arranjo formal e utilizando o recurso do ritmo, em versos metrificados. O poeta deu contribuições para poetizar o local com a mesma maestria e desenvoltura com que trata os temas universais como paixão, saudade e existencialismo. Escreveu poemas com estrutura de glosa⁵ e mote, sendo glosa a construção de um verso em cima do tema, a partir deste mote, sendo que existe glosa em desafios que é lançado por violeiros ou cantadores, mas o próprio poeta sozinho em casa, utilizando mote de sua autoria ou de outros poetas, pode escrever sua glosa. Sendo assim constrói seus versos em cima destes motes.

O poeta Dedé Monteiro é reconhecido e se reconhece como “poeta de bancada” e se diferencia dos demais poetas populares pela escrita que é, certamente, influenciada pela sua formação em Letras. Escreve em vários estilos, versa sonetos, quadras, sextilhas e décimas. É preciso que façamos uma diferenciação sobre as características de alguns poetas populares para melhor entendermos a completitude e interdisciplinaridade da poesia popular.

Poeta de bancada - escreve em vários estilos e seu processo de escrita contempla estrutura e formas clássicas do gênero poesia. Sua escrita se efetiva em um ambiente próprio para este fim, um escritório com uma mesa (bancada) e utensílios. Este poeta geralmente publica livros. Sobre esse ponto, explica Melo:

É importante destacar que a maior parte dos poetas de bancada buscava, e ainda busca, a excelência no que se refere ao uso da língua portuguesa e quanto às regras de metrificação. Na poesia de bancada, não há lugar para o improviso (MELO, 2003, p.83-84).

Vale ressaltar que métrica refere-se à estrutura rítmica e à técnica de composição dos versos. Um verso consiste num conjunto de palavras, as quais comportam um número específico de acentos tônicos a partir de um número determinado de sílabas métricas. As palavras que formam um verso- elemento fundamental da poesia - cumprem um determinado critério rítmico. Constatamos que

⁴Vate é um sinônimo de poeta.

⁵Glosa diz respeito ao verso construído a partir ou em cima do mote

a excelência no uso da língua portuguesa e às regras de metrficação são características presentes na obra do poeta Dedé Monteiro.

Cantador repentista - geralmente não escreve seus poemas, ele canta de improviso, faz os versos “de repente”, em desafios com outro cantador. Muitos cantam desafinados, o que vale para o repentista, são o ritmo e a agilidade mental que permitem, no caso do desafio, vencer o oponente pela força do discurso. O ritmo refere-se à sucessão de sílabas fortes e fracas, com intervalos regulares, ou não muito espaçados. O ritmo acentua a musicalidade da poesia. O Cantador repentista aborda vários temas em suas composições e exerce sua profissão em cantorias fazendo usos da oralidade. É o poeta de cunho popular, o mestre da oralidade. Eles sempre cantam acompanhados com uma viola, instrumento de 12 cordas. Pode cantar em dupla (é bem comum e característico as duplas de cantadores), mas alguns cantam sozinhos e se revezam em desafios de cantorias, evento tradicional e característico da região Nordeste do Brasil.

O Poeta Cordelista - sua produção é exclusiva em cordel e publicada em folhetos, os livretos de cordel, o almanaque popular de poesia pendurado num barbante. Além do mais, não se pode perder de vista o fato de que a estrutura tradicional do folheto se sustenta nos seus dispositivos formais, uma vez que, na maioria das vezes, obedece a uma produção de sextilhas, na qual os versos rimam na forma ABCBDB, e de septilhas, nas quais os versos rimam na forma ABCBDDDB.

E diante desta realidade surge uma questão que merece a nossa atenção. Como diferenciar livro de um folheto de cordel, quais os critérios usados como parâmetros para classificação destas produções, e viabilidade deste processo de criação e produção. Quanto à materialidade assumida pelo folheto, a temática é motivo de controvérsias, conforme aponta Saraiva:

Ao contrário do que se suporá, não é fácil saber o que é um folheto. Nem é por acaso que este termo às vezes se cruza ou se confunde com outros: opúsculo, plaquete, livrinho, livreto, separata, folha (solta, volante) e, como ocorria frequentemente no século XVIII, papel. Não há nada estabelecido a respeito dos limites do folheto, sejam do formato, do número de páginas, do tipo de papel, dos conteúdos e até dos modos de circulação. Catálogos de Pliégos Poéticos de La Biblioteca Nacional (século XVII) consideraram “pliegos” “(folhetos)” todos os impressos até 32 páginas ou 16 folhas, em tamanho 16º, 8º, 4ºFolio e Duplo Folio. “Mas trata-se apenas de uma decisão cômoda de bibliógrafo; o nome do folheto é quase sempre

aplicado” ao lho”, ninguém vai contar o número de páginas antes de usar. Esse em tempos recuados o folheto era normalmente a folha dobrada, às vezes duplicada ou triplicada, sem capa, sem lombada, sem encadernação, já há muito falamos de folhetos que não se respeita nessas regras (SARAIVA 2006, Prefácio⁶).

Como se pode observar, o folheto é definido quanto ao seu formato, número de páginas, tipo de papel, conteúdos e modos de circulação, entretanto deve-se primar pela correta adequação da língua, sobretudo por ter sido uma literatura que, durante muito tempo, foi relegada a segunda plana.

Ressalta-se que o poeta cordelista é caracterizado por sua produção, a qual tem uma forma característica, um único estilo que pode ser em sextilha, septilhas, mas também pode ser escrita em mote, na maioria em sextilha, mas, em particular, o poeta anda com seus folhetos, os cordéis, para vendê-los nas feiras da região. Sendo assim, faz-se necessário concordarmos com Charter sobre o fato de que “os autores não escrevem livros: eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos e, hoje informatizados” (CHARTIER, 1994, p.17).

Este processo de produção com suas características próprias aliado ao meio de divulgação e comercialização são os que caracterizam a produção do poeta cordelista. Tendo exposto a diferença entre os tipos (tipologias) dos poetas populares, discorreremos sobre as influências e inspirações do poeta.

1.2 INSPIRAÇÃO E INFLUÊNCIAS

Dedé monteiro começou a ouvir versos ainda criança, influenciado pelo pai Antonio Rufino da Costa, que contava cordéis enquanto trabalhava na roça. O seu pai trazia da feira alguns exemplares para os filhos lerem também. “Acho que a musicalidade do cordel foi ficando na alma da gente” (DEDÉ MONTEIRO⁷). Além do seu pai, Monteiro sofreu influências dos vates que poetizaram e poetizam, cantam e

⁶SARAIVA, Arnaldo. Folhetos de cordel e outros da minha coleção Catálogo Porto: Biblioteca Almeida Garret, 2006.

⁷DEDÉ MONTEIRO, O PAPA DA POESIA. Disponível em: <<http://culturadigital.br/mincnordeste/2017/01/12/dede-monteiro-o-papa-da-poesia/>> Acesso em: 19 fev 2018

declamam o Nordeste e o sertão. Alguns deles foram influências e são homenageados por Monteiro. Entre esses mestres da oralidade se destacam: Cicinho Gomes, Sebastião Siqueira(Beijo), Ivanildo Vila Nova, Ary Correia, Zé Cordeiro, às poetisas Joana Cordeiro, Inês Gomes, Dulce Lima, Carmem Pedrosa Ceci Melo; Os poetas e cantadores: Biu de Crisanto,Cancão, "(A caneta mais sentimental do Pajeú)", Pinto do Monteiro, Jó Patriota, Lourival Batista, Zé Limeira, Sebastião Dias(Atual Prefeito Reeleito da cidade de Tabira) e João Paraibano, Zé Catôta, Zé Marcolino e Manoel Filó, Zé Adalberto, Genildo Santana, Sebastião da Silva e Louro Branco, Antônio Marinho, Paulo Nunes, Geraldo Amâncio, Oliveira de Pannels, James Dion, Claudivan Mariano, Zé de Mariano, Gongga (irmão de Dedé), Manoel Filó, Zé Cardoso, Patativa do Assaré, Geraldo Amâncio, João Furiba, Manuel Xudu, Nonato Costa, Raimundo Nonato, Pedro Bandeira, Zé e Cazuza, Raimundo Caetano, Rogério Meneses, Severino Ferreira,Valdir Teles, Diniz Vitorino, Dimas Batista, Severino Feitosa e Manoel Monteiro.

Segundo Montenegro (2014), a poesia popular tem sua simplicidade e complexidade que a torna singular e representa a cultura e bravura deste povo forte e destemido que sobrevive às intemperes das condições climáticas, à falta de visibilidade e omissão de políticas públicas que aliadas ao desenvolvimento econômico proporcionariam condições de uma vida digna e plena. Ainda segundo a autora citada:

a literatura dita popular é, pois, submetida a um viés preconceituoso; termos a ela atribuídos, a exemplos de 'subliteratura', 'para literatura', 'literatura menor', são marcas que registramos sentidos negativos de que está revestida. (MONTENEGRO, 2014, p. 29)

Em consonância com Montenegro (2014), Chartier (1995) contrapõe-se a essas ideias que conferem sentidos negativos à literatura popular:

[...] a "literatura popular" e a "religião popular" não são tão radicalmente diferentes da elite ou da religião do clero que impõe seus repertórios e modelos. Elas são compartilhadas por meios sociais diferentes e não apenas pelos meios populares. Elas são, ao mesmo tempo, aculturadas aculturantes. É, portanto, inútil querer identificar a cultura popular a partir da distribuição supostamente específica de certos objetos ou modelos culturais. O que importa, de fato, tanto quanto sua repartição, sempre mais

complexa do que parece, é sua apropriação pelos grupos ou indivíduos. (CHARTIER, 1995, p. 183-184 *apud* MONTINEGRO, 2014, p. 29).

É necessário esclarecer que, mesmo que a maioria dos poetas populares tenha origem nordestina, sem formação acadêmica e oriunda da zona rural, isto não deveria ter sido motivo para desqualificar o trabalho desses poetas. A identificação como literatura popular está correta, mas não é justificado o menosprezo, ou caracterizar como uma arte menor e ilegítima. Alguns desses homens morreram sem nenhum reconhecimento, muitos não tiveram seus escritos registrados, alguns poucos tiveram suas obras publicadas e reconhecidas. Homens que foram pontes e voz das minorias, e usaram a palavra como arma contra a invisibilidade, a omissão de governos, denunciaram as mazelas da sociedade, versejaram sobre a beleza de sua terra e bravura do seu povo.

Partindo dessa afirmativa, compreende-se que não há diferenças significativas entre a “literatura popular” e aquela que se costuma chamar propriamente de literatura, embora esta seja enaltecida pelo cânone literário e, aquela, dele não faça parte.

Sobre a titulação de Patrimônio Vivo de Pernambuco, Dedé Monteiro recebeu o título das mãos do governador Paulo Câmara e do secretário de Cultura, Marcelino Granja. O poeta dedica com humildade o mérito ao Pajeú. “Foi um momento de muita alegria pessoal, mas também e principalmente para a região. E eu não falo não só de Tabira, mas todas as outras cidades do Pajeú.

E ressaltamos que nenhum poeta de outras regiões do Sertão, como Araripe, Moxotó e São Francisco, foram contemplados com esta honraria. Assim, concordamos com Monteiro (2018), quando ele diz. “Minha vontade é que eu seja o primeiro de uma série de outros e outras que possam receber essa homenagem”. Provavelmente, um dos motivos pelos quais Dedé Monteiro tenha muito reconhecimento na região é seu engajamento muito grande com a literatura, ele escreve poesia há mais de 50 anos e, além disso, é sócio fundador da Associação dos Poetas e Prosadores de Tabira (APPTA), criada em 1994.

1.3 OBRAS DE DEDÉ MONTEIRO - UM OLHAR LITERÁRIO QUE EMANA DO NORDESTE

Seu primeiro poema foi escrito aos 15 anos de idade, para uma gincana da escola que tinha como proposta dar um presente para o Dia das Mães, a pedido da professora Enaide Vidal Alencar. Num olhar mais amplo de toda a sua carreira, a sua obra é marcada pelo comprometimento social e vivências do poeta e traz elementos discursivos que reconstroem a capacidade de mudanças diante do processo de exclusão das minorias. Nesse contexto, o leitor passa a compreender os processos dinâmicos de reconhecimento que possibilitam o pensar, o refletir sobre a necessidade de leituras particulares, pois é preciso visualizar, legitimar e reivindicar sua cultura e viabilizar os alicerces que potencializam estruturas para resistir ao processo de colonização dos saberes e destituição de sua identidade.

Os poemas de Dedé Monteiro sinalizam para o passado, presente, vem com o manto da experiência da vida e busca minimizar a violência, proclama a necessidade de mediações e procura desconstruir as colonialidades⁸ internas que determinam os lugares de fala, o espaço de ocupação e aculturação. O poeta firma seus pés na palavra e contempla o mundo com o olhar de criador, sua poesia é única e ao mesmo tempo é diversa e rica em sua originalidade. Sabe-se que o mundo, não é um, somos diversos e nossa linguagem deve ser múltipla, porque reflete quem somos, e o nosso lugar de fala. Pode-se ver marcas na poesia de Monteiro que mostram sua filosofia de vida, seu lugar de fala⁹ e seu olhar sobre a realidade e inconformismo com o cinismo social.

Seu versejar desprovido de manjares é contemplado como dádiva aos sujeitos reflexivos e assenhorados que resistem a práticas de silenciamento, assujeitamento e exclusão das minorias. Poesia que pretende viabilizar a manutenção da cultura da oralidade que é característica da literatura popular; não vende ilusões, não se vende para favorecer os favorecidos, mas a sua poesia se

⁸Entendido aqui como os vários processos da sociedade em que o dito mais forte se impõe sobre o dito mais fraco roubando principalmente sua dignidade como ser particular que é.

⁹Entenda-se que “lugar de fala” se refere ao fato de a expressão oral de uma pessoa, a expressão de seus posicionamentos se dá a partir e/ou influenciado por seu lugar de origem, sua localização no mundo enquanto ser humano. O lugar de fala pode ser entendido também como uma explicação para tamanha diversidade cultural que se observa no mundo.

presta a algo muito maior: ser voz dos excluídos e menos favorecidos. Enfatizamos aqui, que a expressão “popular” reflete uma marca social e cultural que advém de uma face do mundo letrado que gosta de realçar o termo “popular”. Havendo lido e compreendido aspectos importantes da literatura característica do poeta Dedé Monteiro, a seguir são apresentadas análises de alguns livros e poemas seus, para contemplação dessas características.

1.3.1 Retalhos do Pajeú

Retalhos do Pajeú é o primeiro livro publicado pelo poeta Dedé Monteiro. Com estes versos o autor veste com *Retalhos* geniais a poesia nordestina. O título da obra denuncia a riqueza do seu conteúdo. A capa de *Retalhos* apresenta ilustrações das paisagens do Sertão: são recortes de realidades, vivenciadas pelo sertanejo, dois pés de mandacaru, duas folhas de palmas, uma cabeça de um animal morto e uma cadeia de serras unidas a uma pequena casa que tem em seu terreiro um carro de boi. Em um segundo plano, uma árvore que serve de abrigo para uma cabaça, utensílio utilizado para armazenar água e muito utilizado pelo homem do campo em sua roça, uma enxada, instrumento de trabalho do agricultor e um instrumento musical de seis cordas, (violão) compõe o cenário do livro.

Imagem 2 – Capa do livro “Retalhos do Pajeú”



Fonte: Blog de Dedé Monteiro

Os poemas são, em essência, retalhos da literatura do sertão metamorfoseados na alma do poeta. Os versos dos poemas de *Retalhos do Pajeú* foram importantes para “firmar os pés” do vate, consolidá-lo como poeta, que no ano

de 1984 publica esta obra. O menino de origem humilde, mas com a alma dos nobres homens que poetizam o seu tempo, o seu povo; sem cerimônias rende tributos aos grandes mestres da cantoria, não nega suas origens, inspirações e mostra ao que veio. O poeta popular nos apresenta poemas em forma de martelos, décimas, sextilhas e sonetos. Os motes glosados revelam a maestria do poeta. Os seus “retalhos” são provas da capacidade criativa do autor, que com a mesma habilidade cria poemas lúdicos e comunicativos e sonetos trabalhados, todos compondo o todo, o Pajeú, o sertão, seu povo e o poeta.

De modo geral, verifica-se que o livro *Retalhos do Pajeú* é composto por 58 poemas, sendo destes, sete sonetos. Em sua grande maioria os sonetos são homenagens a pessoas importantes da vida do autor, que faz uso do poema de estrutura clássica para homenageá-los. Os demais poemas, em sua grande maioria, dialogam com os cantadores, poetas, poetisas, fala em versos a seus pares.

1.3.2 Mais Um Baú De Retalhos

Este livro é a consolidação dos versos do poeta, segundo livro publicado pelo autor, em 1995, traz em seu título uma assinatura de continuidade, (MAIS), do primeiro Livro, *Retalhos do Pajeú*, percebemos que a quantidade de RETALHOS aumentou e surgiu a necessidade de um BAÚ, observamos também que o autor expandiu seu costurar, poetizar e confecciona uma bonita e duradoura roupagem, que veste e ornamenta o sertão, não se limita apenas ao sertão do Pajeú, alcança o sertão e assim como a “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga, bateu asas e voou.

Imagem 3 – Capa do livro “ Mais Um Baú de Retalhos”



Fonte: Blog de Dedé Monteiro

Este livro tem sua capa ilustrada por Gonga, irmão do poeta, traz a mesma cena característica do sertão: dois mandacarus, árvore símbolo da resistência à seca, consegue florir no solo seco e escolhe a noite para encantar com suas flores exuberantes e que anunciam a chegada da chuva, uma folha de palma, que representa o alimento para o gado, assim como o mandacaru; uma carcaça da cabeça de um animal, e o sol imponente, demonstrando sua força e domínio. Apresenta uma particularidade, os poemas são divididos em temas. A primeira parte é composta de cinquenta e nove poemas, sendo destes, vinte e três sonetos e um acróstico. Esses poemas seguem a mesma temática, e apresenta homenagens e tributos a poetas e repentistas. Os sonetos apresentam características que diferem um pouco da dinâmica do livro *Retalhos do Pajeú*, os sonetos, agora, além de serem escolhidos para homenagens, trabalham temas universais. E pela primeira vez surge um acróstico, no qual o autor faz uma homenagem a um sobrinho. Em seguida, o poeta trabalha os temas político-sociais, que apresenta vinte e cinco poemas, sendo destes, quatro sonetos.

Monteiro escreve, nesta perspectiva, este tema, toca em tabus e segue versejando e, seguindo a organização do livro, surge a temática religiosa, ao todo são treze poemas, contendo cinco sonetos. O tópico apresenta poemas e sonetos que elucidam a religiosidade de Monteiro. Aqui, destacamos que o autor foi coroinha da Igreja Católica quando criança, o que explica a dedicação à escrita destes poemas. Em seguida, encontramos os temas diversos, num total de vinte e dois poemas, dois sonetos e um sonetinho, sendo que este último chama a atenção por ser um poema com uma estrutura pouco comum. São palavras que rimam entre si e constituem as rimas, versos e estrofes. Lembrando a poesia concreta.

SONETINHO
(A Dasneves Marinho)

Meu
Jó,
Teu
Pó

Deu
Dó...
E eu,
Só

Sem
Paz,
Vou,

Mas...
Quem
Sou?

(MONTEIRO, 1995, p.274).

Esse poema apresenta estrutura e forma diferentes de um soneto clássico, mas que traz uma unidade significativa e uma complexidade característica da poesia. É uma prova da genialidade e capacidade de inovação e criação do poeta. Não são apenas palavras soltas, estão organizadas seguindo uma lógica, e semântica, que lhes confere sentido e significação, e assumem a triplicidade de serem palavras monossílabas, estrofes e versos. E a última parte do livro é destinada a motes e glosas. Encontramos vinte e quatro motes e suas respectivas glosas. Alguns motes de poetas e cantadores, o que mostra uma característica de Monteiro em dialogar com seus pares e manter viva a força da cultura e os desafios e mesa de glosa.

1.3.3 Fim De Feira

Fim de Feira, terceiro livro de Monteiro, foi publicado em 2006. Tem uma origem e título que o diferenciam dos dois primeiros livros. É possível perceber que o título em letras, vermelhas, faz referência ao poema temático, mas o universo, o objeto da temática permanece.

Imagem 4 – Capa do livro “ Fim de Feira”



Fonte: Blog de Dedé Monteiro

Em especial, a visão parece ser de um sujeito que fala de outro lugar, olha como testemunha. Ao manusearmos o livro, constatamos ser uma organização, uma antologia de poemas do poeta Dedé Monteiro, essa antologia é composta por trinta e cinco poemas, sendo desses, cinco sonetos.

No final do livro, encontramos seis motes e suas respectivas glosas. Esse exemplar nasce do desejo de alguns amigos do poeta, que organizam o livro com poemas que compõem os outros dois livros. Procuramos os retalhos, mas achamos retalhos e retalhos compondo o livro *Fim de Feira*. A sua publicação foi organizada e viabilizada pelo trio: João Veiga (médico), Joselito Nunes (escritor) e Evilácio Feitosa trazendo uma característica única, além dessa forma de organização, *Fim de Feira* foi publicado em uma versão de cordel. A capa do livro é uma xilogravura, de José Costa Leite (JCL), um dos mais importantes artistas do Brasil, nesta arte, a xilogravura recria a Feira de Caruaru, constatamos um diálogo com a música de Luiz Gonzaga, a Feira de Caruaru e a xilogravura e a publicação em folheto de cordel, evidenciando marcas da identidade da cultura nordestina.

O poema que dá o nome ao livro *Fim de Feira* é o mais conhecido e foi escrito por Monteiro a pedido da mestra Maria do Carmo Viana, uma pessoa bastante presente na vida do autor, em janeiro de 1980 e que chamou a sua atenção para tudo que acontecia num fim de feira quando os dois caminhavam pela feira.

O poema foi publicado no livro *Retalhos do Pajeú* nas páginas 99 a 102, é composto por décimas, totalizando quinze estrofes. Ele traz um panorama completo da identidade da cultura nordestina, a dinâmica da feira, mostra as relações de poder, a cultura popular, os conflitos e relações sociais, a capacidade de transformação e resistenciado homem do campo, o poeta vai construindo suas estrofes com as coisas típicas das feiras da região. As relações de trabalho, o descaso de alguns e o engajamento político do eu - poético, que se depara com o conflito de existencialismo quando compara a feira à vida, com seus percalços e pormenores.

A obra é um reconhecimento ao poeta, o livro pensado e organizado pelo trio já mencionado, atesta que a poesia monteriana está amadurecida, e os seus escritos pertencem a poesia popular, mas escrita com linguagem formal. Uma prova que o versejar de Monteiro rompe com os limites de Tabira, desbrava o Sertão e

segue caminho, em passos firmes, em direção à imortalidade do poeta. Segue inspirando e fazendo pontes, inspirou o surgimento de uma banda com o nome “Fim de feira”, cujo vocalista é o cantor Bruno Lins, seus componentes são de Tabira, mas muitos deles moram no Recife, assim constatamos mais um fruto, um novo elo criado e adornado pelos versos e nutridos por poesia.

1.3.4 Meu Quarto Baú De Rimas

E, naturalmente, não podia se esperar que o poeta se calasse com seu verso, em 2010, pela editora bagaço, publicou o Livro *Meu Quarto Baú de Rimas*, um livro que traz unidade a sua poesia. O pronome possessivo “meu” anuncia a autoria do poeta que se assenhora e assume o protagonismo e se firma como baluarte da poesia Nordestina.

Imagem 5 – Capa do livro “ Meu Quarto Baú de Rimas”



Fonte: Blog de Dedé Monteiro

O livro é composto por 86 poemas, 170 páginas e todos os poemas são inéditos, alguns se destinam ao conhecimento local e outros se prestam a temas universais. A poesia monteriana continua dando voz aos excluídos, dialogando com seus pares, glosando motes de cantadores e floresceu ao ritmo do poema “quatro velas”. Premiado na Fliporto de 2010, com este soneto Monteiro, dá passos para conquistar reconhecimento de poeta nacional.

O poeta popular não morreu e as vaidades da vida não contaminaram o seu versejar. E o vate segue caminhando, poetizando, influenciando e sendo

influenciado. A poesia monteriana vai além do Baú de retalhos, desce pela terra, veste o Sertão, dá voz aos menos favorecidos, dialoga com a tradição, forja a identidade de um povo e se mantém engajada na luta contra a omissão e exploração de um povo. E assim como a chuva torna fecunda a terra, o poeta brada com voz destemida e fecunda a alma dos sertanejos e se afirma como uma serpente cascavel que não foge nem se esconde de seus inimigos e só pode ser encarada pela frente.

O livro marca o amadurecimento do poeta, transporta-nos para outros lugares, novos saberes e outras vivências, agora os versos transbordam a aura do menino, o poeta vestido de poesia continua sua saga e poetiza a sua terra e seu povo. O Sertão vive seus dias de agruras, a seca castiga a terra, os animais morrem por inanição e o homem padece debaixo das omissões, sofre violências visíveis e invisíveis. A história não nos permite mentir, mas se omite a verdade e se presta a servir ao poder do senhorio, não mais serve ao coronelismo que corrompeu, usurpou a lavoura e a dignidade de um povo. Agora, a história serve aos governantes, contempla calada, o gemido do povo, mas há esperança, nem todos se calaram, nem todos se venderam, nem todos se omitem... O poeta continua sendo baraúna, juazeiro, mandacaru, “imbuzeiro”, enxada, cabaça, baluarte e poesia. Sua relação com os poetas da região do Pajeú é consolidada pelo crivo dos anos, é de muita cumplicidade e respeito mútuo. Em Tabira, inclusive participa dos encontros de “Mesa de Glosas” é membro fundador de Associação dos Poetas e Prosadores de Tabira (APPTA), o que mostra o engajamento e comprometimento do poeta na luta pela afirmação da poesia na Região.

CAPÍTULO 2

FASES DA POESIA DE DEDÉ MONTEIRO

Este capítulo se propõe apresentar uma análise de poemas da obra do poeta Dedé Monteiro. Será analisado um conjunto composto por três poemas, selecionados dentre sua poesia. É preciso ressaltar que, nos deparamos com uma problemática que a prática de interpretar proporciona. Quando se define um caminho é também excluir outros caminhos, no entanto, nos deteremos a analisar estes poemas buscando constatar as simetrias sociais e os aspectos político-sociais na poesia do poeta Dedé Monteiro.

2.1 POESIAS MONTERIANA

A poesia do poeta Dedé Monteiro, como já foi mencionada, é uma obra marcada pelo comprometimento social e vivências do poeta. Uma poesia rica autêntica e singular. Do ponto de vista do conteúdo, o seu estilo representa uma literatura de expressão oral e raiz popular.

Busca-se questionar e refletir sobre o papel ocupado pelo autor no campo literário considerando o tripé de sustentação da sua poesia como sendo a tradição e vivências do autor, o diálogo com outras culturas, a cultura do cantador repentista, do poeta cordelista e a metamorfose do poeta que mantém seus pés ancorados no comprometimento social. A obra do poeta tem como maior legado o diálogo com outras faces da literatura popular, com originalidade sobrevive à pressão social e se afirma na poesia popular com uma poesia de linguagem formal. Esse binarismo se deve ao fato de que ele dá voz ao povo através dos seus poemas, mas o faz muitas vezes com uma linguagem erudita, pois, por conta da sua formação, domina a norma culta da língua portuguesa. Refletimos e analisamos a saga do poeta, para entendermos este caminhar, as fases da poesia, se faz necessário compreendermos a realidade do sertão em que o poeta estava inserido e se insere atualmente. A prioridade do sertão é a produção de alimentos, por isso, percebemos na poesia de Monteiro a temática da terra, das relações de sobrevivências, experiências de histórias próprias. Faz-se necessário citar que na década de setenta o Nordeste viveu um período de estiagem prolongado, o que comprometeu a produção de

alimentos, e foi nesse período que o poeta escreveu vários dos seus poemas. É presente o uso da fauna e flora em sua poética como metáforas da vida e das relações sociais.

Em um segundo momento da sua poesia, o poeta surge como aquele homem, que vive no nicho urbano, mas tem suas raízes fincadas nas realidades revividas e experienciadas no ambiente rural, o poeta sobrevive ao professor secundário. E os poemas surgem como releituras da vida, do Sertão e experiências do autor, que testemunhou promessas não cumpridas e poderio silenciador da seca que castiga, mata e impede o cultivo das lavouras dos homens da terra. Nesta fase, o poeta mantém seu versejar firme, faz homenagens, rende tributos aos cantadores, poetiza seu povo, consolida o diálogo com seus pares e assume o primado de poeta. Nessa altura, o poeta jovem saltou para a poesia e se lançou ao encontro do cânone dos grandes poetas do Pajeú. Ele não nega sua origem, suas influências e não se omite, diante da árdua e prolongada luta pela vida, neste ambiente de estiagem, hostil e governado por homens insensíveis às necessidades do povo.

O poeta segue sua saga, acaba tomando corpo e uma dimensão que no cerne da sua alma clama contra a corrupção, denuncia as misérias causadas pela seca, mas também pela omissão dos senhores detentores do poder e que pertencem à elite. Constatamos em sua poesia a presença da sátira, do humor, da religiosidade, seu envolvimento em políticas de inclusão e envolvimento com o social. Ele também viveu a experiência de ter seus poemas organizados em uma antologia, o que denuncia a consolidação e validação da importância e mérito de sua poesia.

O poeta de Tabira, próximo de completar 50 anos de poesia, lançou seu quarto livro, *Meu Quarto Baú de Rimas*, retomou a sua poesia em suas mãos, não queremos com isso criar uma situação que gere conflito quanto à autoria da antologia, apenas buscamos enfatizar o ato criador do autor que prossegue seu poetizar, firme e consolidando sua poesia. O poeta está maduro, e suas experiências agora se somam às suas vivências. O seu olhar e sua escrita se aprofundam em temas universais, a sua poesia continua dialogando com o repente e o cordel, mas também contempla temas universais e reflexões sobre a existência humana que são constantes em sua poesia. Poemas construídos com a mesma

maestria, contemplando o rigor da métrica e rima, satisfazendo os anseios do povo e dialogando com a cultura e construindo identidade.

Sua poesia mostra grande força para se adaptar, superar suas crises e mesmo em outras épocas continua florindo, vestindo, dando frutos e segue serpenteando o sertão. Imponente, com os passos firmados na humildade e legitimados pelos vates do sertão e, lançando voo, busca alcançar o reconhecimento e notoriedade nacional. Os poemas assumem características diversas e diferenciadas, reafirma seus laços com a poesia popular. O tempo não a define não se detém apenas ao imaginado, supera os limites impostos pelo imaginário e rótulos que lhe são impostos e como a terra molhada, diante do sol se enxuga assim a poesia é insubmissa, procura ser novidade e ocupa espaço no universo de cantadores, poetas cordelistas e poetas de bancada, bebe na mesma fonte, comunga do mesmo alimento, compartilha a mesma sina, pisa o mesmo chão e fala a mesma língua, poesia.

A poesia completa o ser humano, permite ao poeta se comunicar com o mundo e Monteiro poetiza o que vive e o que ouve, mas conforme sua visão. E cria um metapoema para retratar a universalidade do processo de criação da sua escrita. Aqui, encontramos a tríade do processo formativo da poesia: a poesia, o poeta, e a rima. Ele constrói o metapoema com o objetivo de trabalhar e explicar a estrutura da sua escrita poética. Reconhecemos que nesta obra o autor se distancia das temáticas sociais, mas ao mesmo tempo, este metapoema nos revela como ele se reconhece enquanto poeta qual sua visão do que é poesia, poema e sua visão sobre qual é o papel do poeta nas sociedades.

A Poesia

A poesia não morre!
Do verso a vida é suprema!
E a rima é sangue que corre
Na veia-mãe do poema!

Todo poeta é um louco
Imensamente feliz.
Por muito que diga pouco,
Diz muito com o pouco que diz.

Não é em jardim qualquer
Que a flor-poesia mora.
Mas onde ela não couber,

Deus também fica de fora.

Poesia é tão perfeita
Que é raro alguém não parar
Ante uma estrofe bem feita
Escrita em qualquer lugar.

O poeta é um condor:
Voa e sonha a vida inteira,
Mas chora vendo uma flor
Caída aos pés da roseira.
(MONTEIRO, 2006, p. 78).

2.2 ANÁLISE DOS POEMAS

Agora, nos deparamos com o maior desafio, realizar uma análise dos poemas que compõem o *corpus* da nossa pesquisa. Todos os poemas escolhidos serão analisados com um olhar pelo qual pretendemos evidenciar a poesia engajada do poeta Dedé Monteiro. Uma das primícias é que a poesia do poeta Monteiro é forte, combativa e sempre esteve presente na vida do povo, luta e fala com o povo e pela terra. O primeiro poema que analisamos está presente no livro *Mais um Baú de Retalhos* nas páginas 41 e 42:

TODA CASA DE TAIPA ABANDONADA GUARDA UM GRITO DE FOME DENTRO DELA - Mote de Ary Correia-

No terreiro, uma pedra de amolar.
Carcomida do tempo e do trabalho,
E um pedaço de marra de chocalho
Cujas idades são difíceis adivinhar;
Dentro dela, uma história singular.
Onde a fome, a rugir, se acotovelava...
E a coruja, a piar, conta por ela.
Uma história de horror nunca escutada...
Toda casa de taipa abandonada
Guarda um grito de fome dentro dela.

No recanto, onde um pote respingava,
Resta agora um pedaço de forquilha;
Na parede, um espelho já não brilha,
Mas deixou seu formato onde brilhava...
Na cozinha, o lugar que o fogão 'stava.
Guarda ainda os pedaços da panela
Que uma mãe cozinhava a boia nela
Pra tirar da miséria a menina...
Toda casa de taipa abandonada
Guarda um grito de fome dentro dela

Esse grito de dor que nela existe
Representa as misérias do passado,
Onde um pai, a sofrer desesperado,
Lamentava o rigor da sorte triste:
Não há dor como a dor de um pai que assiste
O clamor de um caçula que se esgoela,
E o mais velho a servir de sentinela,
Um e outro sem ter jantado nada...
Toda casa de taipa abandonada
Guarda um grito de fome dentro dela.

Todo dia de Sexta da Paixão
O cristão enche o peito de tristeza;
Toda vez que se agride a natureza
Recebe-se da mesma outra agressão;
Toda noite de lua no sertão
Um poeta decanta a lua bela;
Todo som de rangido de cancela
Deixa um eco de dor no pó da estrada;
Toda casa de taipa abandonada
Guarda um grito de fome dentro dela.
(MONTEIRO, 1995, p.41- 42).

O poema é composto por quatro estrofes em versos decassílabos que descrevem, retratam, vivenciam a saga do homem do campo, o drama de famílias desamparadas e vitimadas pelas secas. Homens e mulheres vítimas da fome, que tem sonhos interrompidos e histórias não contadas. O poema traz uma realidade comum da região nordeste do Brasil, famílias menos favorecidas e suas moradias. A casa de taipa, ou de pau-a-pique, feita de barro, madeira é uma construção antiga, que atravessa milênios e que é característica de sociedades economicamente desfavorecidas e habitadas por pessoas de pouco poder aquisitivo. Alguns pontos a serem destacados nesta obra: o primeiro de ordem arquitetônica, uma construção simples, mas funcional, que serve de abrigo para a família. A taipa tem mais de nove mil anos e, antes de servir de habitação para os brasileiros, já estava na Mesopotâmia - pelas bandas do que hoje é o Iraque. E veio para o Brasil a técnica de construção no período colonial, como uma das mais autênticas manifestações arquitetônicas. O segundo ponto a ser destacado é o fundiário, um fato determinante para explicar o êxodo rural. O terceiro temos as questões de desigualdades sociais, que são determinantes para explicar esta realidade vivenciada no poema.

A seguir, veremos uma tabela com a metrficação do poema, evidenciando que Monteiro domina às regras de metrficação. Os versos desta estrofe (a primeira

do poema) assim como, todos os versos do poema são formados por 10 sílabas poéticas ou métricas e sua contagem difere da contagem de sílabas gramaticais. A última sílaba a ser considerada é a tônica do verso, como mostra a coluna 10. São versos classificados como decassílabos.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
No	ter	rei	ro, u	ma	pe	dra	de a	mo	lar	
Car	co	mi	da	do	tem	po e	do	tra	ba	lho,
E um	pe	da	ço	de	mar	ra	de	cho	ca	lho
Cu	Ja i	da	de é	di	fí	cil	adi	vi	nhar;	
Den	tro	de	la, u	ma his	tó	ria	sin	gu	lar	
On	de a	fo	me, a	ru	gir,	se a	co	to	ve	la...
E a	co	ru	ja, a	pi	ar,	con	ta	por	e	la
U	ma his	tó	ria	de hor	ror	nun	ca es	cu	ta	da...
To	da	ca	sa	de	taí	pa a	ban	do	na	da
Guar	da um	gri	to	de	fo	me	den	tro	de	la.

Tabela 1 - Metrificação do poema "Toda Casa De Taipa Abandonada Guarda Um Grito De Fome Dentro Dela". Elaboração própria.

O poema traz a realidade do êxodo rural provocado pelas secas periódicas que castigam em especial, o Sertão da região Nordeste do Brasil. O prolongado período de estiagem, a seca, este fenômeno natural é agravado por falta de políticas públicas que se efetivadas possibilitavam a permanência do homem do campo. Proporcionaria uma vida digna e sustentabilidade para a população desta região.

O poema reconstrói um cenário de vida na região do sertão brasileiro, registra a história de pessoas em uma época não muito distante da nossa, na qual, a maioria das famílias residia em casas de taipa. O poeta ao construir o poema, foi sábio e singular em sua obra e apresenta a dinâmica envolvida na casa de taipa e sua relação com a família, não demonstrou preocupação com a especulação imobiliária, mas seu olhar é o ser humano. Pensamos um pouco nesta construção, a casa não tinha energia elétrica, não possuía saneamento básico, não tinha uma estrada que conduzia as crianças à escola. Esse habitat é o cenário de uma das mais terríveis doenças no sertão, “o mal de chagas”, transmitido pelo “barbeiro” e que ainda vitima muitas famílias, a mais grave enfermidade que assolou os habitantes destas moradias.

O poeta preenche a lacuna desta moradia quando descreve a condição humilde de existência desta família, um microcosmo da sociedade. A família é

apresentada como célula da sociedade. A casa é uma metáfora da realidade vivida pelos sertanejos, a casa é terra (barro), madeira e água e suor humano, mas a importância está em seus moradores. A falta de estrutura da moradia não é determinante para o abandono, mas a fome que ruge determina a existência e a vida. A fome é realidade no mundo e se caracteriza pela carência, falta de alimentos necessários para a sobrevivência e suprimento das necessidades do indivíduo e a dignidade. Atualmente cerca de 11% da população mundial passa fome e no Brasil não é diferente, temos uma parcela da população atingida por esse fenômeno mundial. Na região Nordeste do Brasil, a fome é provocada pelas condições climáticas, as secas periódicas, no entanto, o fim das omissões das autoridades, as exclusões e violações dos direitos e a efetivação e consolidação de programas do governo poderiam amenizar esta situação.

O ser humano vive em sociedades organizadas que têm suas leis que garantem direitos e deveres a seus cidadãos. No Brasil, a constituição de 1988 é a lei maior. E trata no capítulo II, DOS DIREITOS SOCIAIS, no seu artigo quinto apresenta os direitos e garantias fundamentais, já o artigo sexto é destinado aos direitos sociais à educação, a saúde, alimentação, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta constituição”.O Brasil é um país rico e que tem uma desigualdade social entre sua população temos uns poucos cerca de 1% que concentram a riqueza e mais de 91% composta da classe média, pessoas pobres e miseráveis. E a lacuna criada pela desigualdade social, ainda não foi preenchida, porque para onde vão as famílias que abandonam as casas de taipa? Vão para as pequenas cidades, ocupam as periferias e nos grandes centros urbanos habitam as favelas. Agora são sujeitos que estão distantes de sua cultura, são submetidos a violências e a novos desafios para essa nova vida em sociedade. Homens desterrados que perderam sua moradia, cultura e identidade.

No poema, se faz necessário destacar a sua construção e estrutura, é constituído com quatro estrofes e na primeira estrofe no primeiro verso nos chama a atenção. “No terreiro, uma pedra de amolar”, o espaço do terreiro não possui outro bem, a não ser uma pedra de amolar, que faz alusão a ocupação do pai e chefe de família, o seu trabalho é exercido com ferramentas rústicas, provavelmente, uma

foice, um facão, enxada ou ferramentas similares. Aqui, abrimos um parêntese para realizarmos uma analogia no que representa esta pedra, ela permite a viabilização e realização do trabalho e exercício das atividades destes moradores. Assim, como o computador, os veículos, o celular e outras ferramentas que o homem da cidade faz uso para exercer seu trabalho, sua atividade. No segundo verso encontra-se “Carcomida do tempo e do trabalho, ” o tempo condicionando a existência do homem e o trabalho que possibilita e dignifica o homem, este homem não era ocioso, dedicava-se ao trabalho. Terceiro verso “E um pedaço de marra de chocalho”, objeto de uso em animais que proporciona a localização destes, mas constata-se a nomeação de apenas um pedaço. Já no quarto verso, “Cuja idade é difícil adivinhar; ”o objeto é velho ao ponto de não ser possível à datação de sua origem, no entanto, revela os indícios da pobreza da família que não possui mais animais. No quinto verso o poeta escreve: “Dentro dela, uma história singular”, uma história de uma família, que é única e que deve ser contada. História interrompida pela fome, que aparece descrito no verso seguinte: “Onde a fome, a rugir, se acotovela...”

Fizemos uma breve análise na construção destes versos, o verbo rugir denota uma ação de soberania, por exemplo, o leão rugiu mostrando sua força e imponência. Aqui a fome ruge imponente e soberana, provocando o martírio do sertanejo. Assim como o verbo rugir, o verbo acotovelar é imprescritível para a compreensão deste verso, o ele pode significar, “provocar”, “abrir caminho à força”, “encontrar-se em local muito cheio” “empurrar”, dar encontros em alguém”. A fome prevaleceu neste ambiente, neste lar, nesta família nesta sociedade.“ Nos versos seguintes: “E a coruja, a piar, conta por ela”, a coruja animal de hábitos noturnos, símbolo da sabedoria, serve de testemunha e conta” Uma história de horror nunca escutada...” quase ninguém aprecia o piar de uma coruja, um animal sombrio que testemunha o silêncio da noite. Ela conta uma história de horror, que narra à fome, a miséria, mortes, abandono, violências, exclusão, mas nunca escutada. E encerrando a estrofe, o mote “Toda casa de taipa abandonada Guarda um grito de fome dentro dela”.

Na segunda estrofe do poema, destacaremos os versos seguintes: “No recanto, onde um pote respingava, ” constatamos a presença de um pote, utensílios

usados para armazenar água, aqui sugere que poderia existir um filtro, que tem a mesma finalidade, destinado ao consumo humano, no entanto, está furado e o verbo aparece no passado respingava, evidenciando a pobreza e situação financeira dos proprietários. Um pote que algum dia armazenou água e matou a sede da família. Foi substituído por um pedaço de pau de ramos assumindo a forma da letra y. É o que constatamos no segundo verso: “Resta agora um pedaço de forquilha;” e o poeta no verso três continua: “Na parede, um espelho já não brilha,” a parede remete a sustentação, segurança e privacidade dos moradores de uma casa, já o espelho reflete os habitantes, os sujeitos se reconhecem, diante deste utensílio, o ser humano, enfrenta seu narcisismo ou sua miséria. O poeta ao fazer uso do espelho neste verso cria uma metáfora para refletir a condição humana, o encontro do eu.

No verso seguinte, encontramos: “Mas deixou seu formato onde brilhava...” Formato, suas marcas, a história e vivências desta família estão marcadas, nesta casa. No quinto verso: “Na cozinha, o lugar que o fogão ‘stava”, o poema apresenta a cozinha, espaço da residência destinado a processamento de alimentos, lugar de combate contra a fome e que permite a socialização e convivência.

Nos versos seguintes: “Guarda ainda os pedaços da panela”, “Que uma mãe cozinhava a boia nela”, e “Pra tirar da miséria a meninada...” constatamos a dinâmica da família e condição financeira da mesma. Os pedaços da panela ainda presentes sugerem que era apenas uma unidade e provavelmente de barro, o que justificaria a presença dos pedaços da panela e o que mostra a situação socioeconômica e escassez de alimentos. Já a definição onde uma mãe cozinhava, revela o lugar da mulher nesta família, a mulher é aquela que está encarregada dos afazeres da casa, ainda destacamos que não é qualquer mulher é uma mãe que denota sua carga semântica em plenitude. E que prepara a “boia”, segundo Câmara Cascudo, atribuindo a Pereira da Costa. Boia seria o feijão semicozido, boiando no caldo incolor e ralo. Assim, nos referimos à comida pouco rebuscada que não atende as necessidades básicas e que não representa a cultura, porque sabemos que a comida é um traço importante na cultura de um povo. O prato de comida teria surgido por analogia com o salvamento dos afogados, enquanto o prato de comida,

afinal, salva o faminto. No verso seguinte, o poeta mostra como acabar com a miséria da meninada, a miséria se combate com alimento da geração futura.

Na terceira estrofe, encontramos: “Esse grito de dor que nela existe”. Grito de dor que não foi ouvido, e no próximo verso: “Representa as misérias do passado”, o poeta usa o substantivo “misérias” no plural mostrando que são muitas. E o próximo verso mostra o pai e sua árdua missão de cuidar da família. “Onde um pai, a sofrer desesperado”, “Lamentava o rigor da sorte triste”. “Não há dor como a dor de um pai que assiste”. Nestes versos, o poeta delimita o papel do pai, o homem é o provedor da família e sofre a dor de não conseguir suprir as necessidades de seus dependentes. E a palavra “pai” é escrita com toda carga semântica. Continuando a estrofe: “O clamor de um caçula que se esgoela, ” o poeta apresenta os filhos nestes versos o filho mais novo que chora, e no verso seguinte: “E o mais velho a servir de sentinela, ” o autor agora apresenta o filho mais velho, o primogênito. Constatamos um intervalo de tempo entre esses dois filhos, onde se solidifica a situação financeira que não muda. O filho vigia, cuida do irmão, ele não está brincando, estudando ou se divertindo.

E com os versos a seguir o poeta continua: “Um e outro sem ter jantado nada...”, os filhos não se alimentaram, não jantaram, a refeição noturna aponta para um dia que não ouve alimentos neste lar, não foi apenas a refeição principal, mas não se nomeia qualquer tipo de lanche. O dia acabou e se nem mesmo as crianças se alimentaram, constatamos que os pais, não se alimentaram também.

Na quarta estrofe o poeta constrói sua última estrofe e apresenta um desfecho para a situação desta família, aponta caminhos e denuncia omissões. O primeiro verso: “Todo dia de Sexta da Paixão”, período da festividade cristã, que corresponde ao período de tempo onde se prega os valores cristãos e o sacrifício de Jesus, o Cristo, realizando a última ceia e em seguida a paixão. A doutrina de Cristo que está registrada em seu testamento, Jesus orienta a vida em comunhão entre os irmãos de fé. A família é cristã porque observa esta festividade, é uma família católica, aqui observamos uma crítica a postura da Igreja que não assiste as necessidades dos seus membros. E não cumpre a palavra de Deus que se encontra em Mateus 25:35: “Pois tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber ”. Além destes versículos, encontramos na Bíblia outros versos que ensinam

sobre a importância da vida em comunhão, do amor e da caridade. No verso seguinte o autor continua: “O cristão enche o peito de tristeza, ” O cristão mostra sua tristeza e o seu coração está triste. Mas o poeta não isenta o homem de suas responsabilidades nestes versos: “Toda vez que se agride a natureza”, as ações do homem contra a natureza trazem danos, desmatamento, exploração dos recursos naturais, o exercício prática que pode culminar com o processo de desertificação. E no verso: “Se recebe da mesma outra agressão, ” a natureza na região do sertão já castiga o homem e quando o meio ambiente está agredido ele devolve a agressão. Aqui, destacamos que a casa de taipa é vista pelos arquitetos como arquitetura pobre, menor, mas se a construção for realizada observando as técnicas, é a construção mais ecológica possível. Sinal de liberdade criadora do próprio lar, numa perfeita harmonia na relação entre o ser humano e a natureza que o cerca.

Nos últimos versos: “Toda noite de lua no sertão” e “Um poeta decanta a lua bela; ” o poeta aparece como testemunha, o sujeito que decanta a lua bela, mesmo nesta realidade inóspita e canta em uma noite no sertão, não canta o sol, mas a lua. Produzindo um diálogo com a música “Luar do Sertão”, de Catulo da Paixão Cearense. E nos últimos versos do poema, observamos a despedida do homem com sua terra. ““ Todo som de rangido de cancela”, ou seja, toda partida, e conclui o poeta...” Deixa um eco de dor no pó da estrada”. A dor de sair de sua terra, sua moradia, ser obrigado a abandonar sua cultura, sua identidade e sua história. E segue em busca da sua sobrevivência em seu caminho objetiva uma nova vida nas cidades. Nesta nova sociedade, provavelmente, exercerá atividades que em sua grande maioria, são desvalorizadas e que não proporcionam dignidade de vida. Na grande maioria, morarão de aluguel, ou serão beneficiados por programas dos governos como: “minha casa e minha vida”, “auxílio moradia”, “Casa da caixa” e programas de combate à fome como “fome zero”, “bolsa família”. Reconhecemos que são ações importantes dos poderes constituídos, mas ao nosso modo de ver ainda são ações tímidas e insuficientes.

O poeta continua refletindo sobre a condição do ser humano, desta vez em um espaço urbano. O poeta decanta seus versos onde se fez necessário. Verificamos nestes poemas um denominador comum: o ser humano e a fome. A fome como resultada da escassez de chuvas e falta de condições de produção, mas

especificamente causada pela falta de políticas públicas voltadas para acabar com a vulnerabilidade social e garantir os direitos assegurados na constituição de 1988 do Brasil. Atualmente, o Brasil exporta a produção do agronegócio para 224 países, segundo dados oficiais do governo.

Diante desta realidade, podemos inferir que o poeta não poderia se calar sobre estes fatos. O Brasil tem condições de cumprir a sua “Lei maior” e garantir a segurança alimentar a sua nação.

Analisaremos, agora, o poema “Humildade”, presente na mesma obra:

HUMILDADE

(Ao poeta Paulo Cardoso)

Chegou-me à porta, um dia, uma doente,
Cambaleante, sôfrega, com fome...
E eu notei logo que a tal penitente
Ficara assim porque perdera o nome.

E, concentrado nas visões imundas.
Da vida impura da mulher da vida,
Eu senti n'alma contrações profundas
E tive pena da desconhecida:

Abri-lhe a porta e lhe pedi que entrasse.
Ela, em resposta, constrangendo a face,
Disse-me: “Não”! Devo vagar na rua...

Vagar sem rumos, ao sabor dos astros,
Pois, eu entrando, até meus próprios rastros.
“Deixarão desonrada a casa sua...”.

(MONTEIRO, 1995, pág. 43).

A Seguir a tabela de metrificação da estrofe do soneto “Humildade”.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Che	gou -	me à	por	ta, um	dí	a, u	ma	do	en	te,
Cam	ba	le	an	te,	sô	fre	ga,	com	fo	me...
E eu	no	tei	lo	go	que a	tal	pe	ni	ten	te
Fi	ca	ra as	sim	por	que	per	de	ra o	no	me.

Tabela 2 - Metrificação do poema “Humildade”. Elaboração própria

Nesta obra há uma forte presença do patriarcalismo, onde a construção cultural ideológica da mulher é considerada como um grupo inferior. Com este soneto o poeta Monteiro evidencia uma triste realidade vivida por mulheres, independente do lugar de origem, pode ser uma sertaneja ou uma mulher que habita em qualquer lugar. A obra denuncia a sensibilidade do escritor às causas dos excluídos, dos menos favorecidos e dos sujeitos que estão à margem da sociedade. O poema traz o conflito da existência humana, uma mulher sem nome.

Na primeira estrofe, constatamos a descrição desta mulher nos adjetivos a seguir: 'uma doente', 'cambaleante', 'sôfrega', 'com fome', 'penitente'. As palavras utilizadas denotam bem, a realidade vivenciada por esta mulher, com estas palavras o poeta descreve e caracteriza a mulher, e nos levam a refletir e questionar. Quem é essa mulher? Qual sua origem? E condição social? Mas nos chama a atenção à presença da "fome" presente na vida deste ser humano. Uma realidade de extrema miséria, a obrigou a pedir esmolas, quem sabe já não seja uma mulher jovem, sua beleza não dê conta, não seja suficiente para seduzir seus amantes (clientes) e ela seja obrigada a mendigar o pão. O poeta Dedé Monteiro no quarto verso da primeira estrofe nos leva a entender as razões que tornaram essa mulher alguém sem nome, quando no verso ele afirma: "Ficara assim porque perdera o nome" e o que significa perder o nome na sociedade em qualquer sociedade? Esta mulher perdeu a dignidade por ser levada pelas condições de vida, foi vítima da prática de exclusão dos seus direitos, privada do acesso à educação e provavelmente não contraiu o matrimônio, não constituiu família.

Em seguida, o poeta descreve o que a fez perder o nome: "Da vida impura da mulher da vida", nesta estrofe, especificamente neste verso, constatamos os contrastes da palavra vida, a mulher se prostituía, umas das práticas mais antigas da humanidade, mas ainda tão discriminada e que não é aceita por uma sociedade hipócrita que tem valores e uma moral fundamentada em princípios cristãos, mas que mais julga o outro do que exerce a prática do amor e da justiça. No verso seguinte, o eu-lírico diz, "Eu senti n'alma contrações profundas", esse sentimento permite ao eu poético se colocar no lugar da mulher, ocorre aqui, um encontro de almas, por isso, há um auto reconhecimento, o "eu" encontra-se e reconhece o "outro".

No primeiro terceto, constatamos neste verso, o momento em que o poeta acolhe a mulher, abre a porta de sua casa: “Abri-lhe à porta e lhe pedi que entrasse”, mas a mulher constrangida se nega ao convite, que ressaltamos que não é refeito, o eu poético não insiste. Em um segundo momento, inicia-se um diálogo do eu poético com a mulher. “Disse-me: Não! Devo vagar na rua...” esse verso mostra que a mulher estar consciente, convicta de sua condição social e se nega a adentrar ao lar. Verificamos o uso da reticência que nos possibilita inferir que este diálogo pode se estender a uma discussão e nos permite uma reflexão acerca da existência humana, das desigualdades sociais e o preconceito da nossa sociedade para com todos os sujeitos tidos como marginalizados e os seus estereótipos.

E no segundo terceto o poeta continua nos surpreendendo, porque no primeiro verso: “ Vagar sem rumos, ao sabor dos astros, ” o vate continua a dar voz a esse ser marginalizado pela sociedade e demonstra e reafirma que a mulher está consciente do seu lugar de fala. A mulher não tem objetivos ou projeto de vida e vaga ao sabor dos astros. Os astros são visíveis apenas em noites escuras em locais distantes das cidades, mas todo conhecimento do universo foi viabilizado pelo estudo dos astros. Esta metáfora faz referência à espiritualidade da mulher, através do céu escuro, guiada pela luz dos astros consegue continuar seu caminho. A mulher continua lúcida, como constatamos nesse verso: “Pois, eu entrando, até meus próprios rastros”, os caminhos e experiência se somam as vivências da mulher, que em nenhum momento é rotulada de mendiga. O poeta segue sendo a voz “Deixarão desonrada a casa sua...”, o uso do pronome possessivo “sua” reafirma o que já está descrito, a mulher não possui um teto, um nome, uma família, uma história. O escritor termina o soneto, mas não retoma a voz ao eu poético, a mulher sem nome, faminta continua tendo voz e sua fala é de alguém consciente de seu lugar na sociedade e das violências e padrões impostos pela sociedade em que vive.

O poeta realiza com estes versos uma reflexão sobre o empoderamento da mulher, trabalha a problemática da prostituição, o tema suscita discussão nos dias atuais. Ao mesmo passo que cria pontes e elos com questões de políticas públicas para garantir direitos, como os direitos do corpo da mulher, mas aqui vale ressaltar, que é preciso destacar que o poema foi escrito no ano de 1969, o que mostra a

sensibilidade do autor em tratar à temática e a importância deste poema para mostrar a necessidade de políticas públicas que garantam os direitos de todos os cidadãos, a condição e valorização do ser humano.

Os versos terminam com a voz da mulher, mas não há um ponto final, existe a possibilidade do debate em que o leitor é convidado a participar. A temática não está resolvida até os dias atuais, confirmando que o autor está à frente do seu tempo. O poeta é um membro construtivo da sociedade, continua construindo um mundo novo, sentimentos novos. Neste momento não vamos olhar para o poema com as expectativas de início, meio e fim, mas buscando a completude e o diálogo entre o homem, a cultura, a identidade e a terra.

O autor canta o sertão no poema a seguir, inserido no livro *Fim de Feira*:

Eu me sinto mais filho do Sertão

Vendo o povo feliz e mãos erguidas,
Dando graças por tanto benefício
Esquecido, talvez, do sacrifício.
Que, em verdade, afetou milhões de vidas,
Eu que vi a feiura das feridas
Espalhando o terror na região,
Comungando também desta emoção
Sertaneja, sincera sem igual.
Que o artista faz dela um FESTIVAL,
Eu me sinto mais filho do sertão!

Quando a força do verde do roçado
Deixa as almas repletas de esperança,
Devolvendo alegria e segurança
Ao Nordeste pra sempre ameaçado;
Quando o cheiro do milho cozinhando
Denuncia a fartura do fogão,
E o forró toma conta do salão,
E a ruína estremece a redondeza,
Sertanejo não sabe o que é tristeza
E eu me sinto mais filho do sertão!

Quando a roça se metamorfoseia
Através dos milagres da fartura
(Milho verde, feijão, fava madura,
Melancia que a casa fica cheia...);
Quando, em vez de bater na porta alheia,
A pobreza divide o próprio pão,
Num exemplo feliz de gratidão
Que os poetas decantam noite e dia;
Quando vida palpita de alegria,
Eu me sinto mais filho do sertão.

Quando os dias renascem majestosos,
Sem a dor da miséria a perturbá-los,

E a mão firme da roça aumentando os calos,
Mas não se abre esmolando aos poderosos;
Quando Deus, com seus dons maravilhosos,
Usa a força da multiplicação;
Quando o som cavernoso do trovão
Das riquezas do céu faz propaganda;
Quando a voz da SANFONA é quem comanda,
EU ME SINTO MAIS FILHO DO SERTÃO!

(MONTEIRO, 2006, pág.23).

O poema é composto por quatro estrofes em versos decassílabos, apresenta a estrutura semelhante ao poema: “Toda casa de taipa abandonada guarda um grito de fome dentro dela” que recriam a vivência e a saga do homem do campo. O Nordeste brasileiro foi cantado por grandes artistas a exemplo de Luiz Gonzaga, poeta Patativa do Assaré e Gessier Quirino. Poetas populares que com sensibilidade cantaram, poetizaram e decantaram a cultura e vida do sertanejo. A região nordeste do Brasil é composta por nove estados, e em sua grande maioria, tem na época da colheita um período das festividades, entre estas destacamos a festa de São João e São Pedro, a festa junina, evento tradicional e expoente da nossa cultura. A tradição e a cultura do sertanejo formam a identidade de um povo, forte e destemido que mantêm suas tradições.

Neste poema, verificamos um diálogo com a obra de Luiz Gonzaga, o rei do baião. O autor escreveu este poema, fazendo uso dos elementos que compõem a cultura e tradição do sertão. O período é o da colheita, a festa junina e o personagem principal é o sanfoneiro, e o anfitrião é o homem da roça, o agricultor. O título do poema é uma exaltação ao filho do Sertão, que sente orgulho em pertencer e habitar esta região do Brasil. No poema, verificamos uma realidade diferente das descritas nos poemas anteriores, neste o sertanejo não é refém da fome, não é por acaso que o poeta afirma que se sente mais filho do sertão. O homem do campo é o protagonista da sua vida e sua história. Na primeira estrofe, observamos os seguintes versos: “Vendo o povo feliz e mãos erguidas,”. O povo está feliz e com suas mãos erguidas dão graças a Deus, constatamos neste verso a presença da religiosidade do povo sertanejo que caracteriza a fé e devoção popular, aliado ao ato de estar com suas mãos estendidas, apontando para a dignidade humana, não estar com as mãos estendidas a mendigar.

No segundo verso, constatamos: “Dando graças por tanto benefício”, agradecido o sertanejo festeja e ergue as mãos para demonstrar seu sentimento de gratidão. Mas o poeta faz uma ressalva que talvez, o povo esqueceu-se do sacrifício. O que verificamos no verso a seguir: “Esquecido, talvez, do sacrifício”, e nos versos seguintes, “Que, em verdade, afetou milhões de vidas, ” deduzimos que este sacrifício é a fome que vitimou vidas e destruiu famílias inteiras. O sacrifício é o sofrimento causado pela seca. O sacrifício é a exclusão viabilizada pela omissão dos poderes constituídos e das instituições consolidadas. O eu poético, surge nos versos seguintes como testemunha, o que constatamos no verso: “Eu que vi a feiúra das feridas”, “Espalhando o terror na região,”. As feridas, no plural, o que demonstra que são muitas as chagas sofridas pelo povo vive o terror. Terror da fome, da miséria, da violência, da falta de expectativas de vida, a perda da dignidade, a fragilidade da saúde, a destruição da cultura e assujeitamento do ser humano. Continua o poeta seu versejar nos versos seguintes: “Sertaneja, sincera sem igual “e “Comungando também desta emoção”, o poeta vive também esta realidade. “Que o artista faz dela um FESTIVAL”, nestes versos o artista surge como aquele que faz um evento com letras maiúsculas, dada a importância do acontecimento. Este, “FESTIVAL”, é uma referência ao evento: VIII FERSAN (Festival de sanfona de Afogados da ingazeira), no qual o poema foi lido pelo poeta Dedé Rodrigues, representando a APPTA, mas o FESTIVAL também representa a celebração da vida e a festividade da colheita. E no último verso da primeira estrofe o poeta traduz em verso o seu sentimento. “Eu me sinto mais filho do sertão!”

Na segunda estrofe do poema, destacamos os versos seguintes: “Quando a força do verde do roçado”, quando o plantio está em crescimento, força e vigor do verde, uma realidade possibilitada com um ano com inverno que possibilita o plantio e colheita das lavouras. Seguindo a estrofe temos: “Deixa as almas repletas de esperança,” constatamos a palavra “almas”, com referente a vidas. O povo está com esperança, de uma colheita, um ano sem fome, sem falta d’água, sem humilhações e nem mortes dos rebanhos. O que se confirma: “Devolvendo alegria e segurança”. A alegria de um povo que colhe o fruto do seu trabalho e a segurança alimentar. O próximo verso: “Ao Nordeste pra sempre ameaçado; ” o autor evidencia que a região nordeste é para sempre ameaçada, essa ameaça é a presença

constante de períodos de secas e a omissão dos governantes e falta de políticas públicas voltadas ao combate aos danos causados pela estiagem prolongada. Prosseguindo o poeta decanta a fartura da colheita do sertanejo: “Quando o cheiro do milho cozinhando”; “Denuncia a fartura do fogão”. E nestes versos seguintes, o constatamos um diálogo e fusão entre a colheita, a tradição e a cultura. O forró expressão cultural do sertão e a ruína, arma de caráter festivo caracterizada pelo barulho provocado pela explosão de pólvora. Nos versos seguintes: “E o forró toma conta do salão”, “E a ruína estremece a redondeza”. O autor reafirma o estado de espírito do sertanejo nestes versos: “Sertanejo não sabe o que é tristeza”. E termina a estrofe com o mote: “E eu me sinto mais filho do sertão!”

Já na terceira estrofe do poema, verificamos a descrição da fartura e diversidade da produção alimentar do cultivo do sertanejo: “Quando a roça se metamorfoseia” e “Através dos milagres da fartura”. Em seguintes são elencados a produção do homem do campo e percebemos que alimentos destinados ao consumo humano: “ (milho verde, feijão, fava madura, ” e “melancia que a casa fica cheia...); ”. O poeta seguiu seu versejar firma e nestes versos seguintes retrata uma das tristes consequências da seca no sertão, a necessidade de mendigar o pão. Mas nestes versos o poeta reconstrói a dignidade dos homens e mulheres do campo: “quando, em vez de bater na porta alheia, ” e “a pobreza divide o próprio pão, ”. E nos dois últimos versos: “num exemplo feliz de gratidão”, o autor neste verso traz mais uma característica do caráter do homem simples do campo, a gratidão. E neste verso seguinte: “que os poetas decantam noite e dia; ” e “quando vida palpita de alegria, ”. Os vates reconstroem o cenário e surge como o ser que decanta a natureza e os sentimentos do povo.

Na última estrofe do poema, o autor continua retratando a vida e a rotina do homem do campo. No primeiro verso: “Quando os dias renascem majestosos”, constatamos que os dias são dias de prosperidades, e marcados pela fartura. O que se confirma no segundo verso: “Sem a dor da miséria a perturbá-los, ”. Mas o autor mostra nos versos seguintes os contrastes entre o homem trabalhador que algumas vezes foi levado a depender das esmolas dos poderosos; “E a mão firme da roça aumentando os calos, ” e “ Mas não se abre esmolando aos poderosos”. E nos últimos versos o poeta evidencia a religiosidade do povo sertanejo: “Quando Deus,

com seus dons maravilhosos, ” e “Usa a força da multiplicação; ” e nos dois últimos versos: “Quando o som cavernoso do trovão” e “Das riquezas do céu faz propaganda; ”, um reconhecimento da dependência do homem a riqueza da natureza, mas estes versos ao mesmo tempo denunciam a omissão de políticas públicas dos poderes constituídos. E no último verso: “Quando a voz da SANFONA é quem comanda, “o autor faz referência à voz da SANFONA”. E para entendermos este, verso devemos compreender a época e as vivências em que o poema foi escrito. Nas ricas manifestações culturais do sertão, o sanfoneiro é um símbolo da nossa cultura e assim como o poeta decanta o sertão, o sanfoneiro comanda as festividades sertanejas. E no último verso, encontramos o mote: “Eu me Sinto Mais Filho do Sertão! ”, uma afirmação da identidade do homem sertanejo. O sertão descrito neste poema é um lugar de tradições, lugar de cheiros, lugar de sons e lugar de vivências. A poesia deve nos fazer chorar, nos indignar, nos levar a refletir sobre nossa condição social e nossas vidas. Dar-nos a oportunidade de nos reconhecer como pertencentes a um grupo social, a uma comunidade e possibilita um novo olhar sobre as velhas realidades, e as novas realidades possíveis.

O poeta Dedé Monteiro decanta o Sertão do Pajeú, o poeta constrói um legado aos seus pares. E movido pela determinação e motivação, o poeta transformou uma área geográfica com seus limites em poesia, poesia livre. Monteiro expressa à poesia com alma, busca a excelência possível, assimila o mundo social com intensidade, explora a relação entre a cidade, o campo e as pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo realizar uma breve análise dos poemas: *“Toda casa de taipa abandonada guarda um grito de fome dentro dela”*, *“Humildade”* e *“Eu me sinto mais filho do sertão”*, presentes nos livros de Dedé Monteiro. Como base de apoio para essa análise, percorreu-se sobre a vida do autor e sobre as características de sua escrita. Foram descritas etapas vivenciadas pelo poeta, conhecidos brevemente alguns de seus livros, além disso, foi feita a análise de alguns poemas.

Constatamos que o leitor de Dedé Monteiro se depara com uma literatura engajada, de linguagem formal e com traços eruditos. A poesia que retrata bem a realidade de um povo simples e, muitas vezes, esquecido. Trata-se de uma literatura de denúncia e resistência, que sai em defesa dos que estão esquecidos por suas condições de vida e por causa do lugar onde nasceram, características que os colocam em realidades desfavorecidas na sociedade.

Observamos nos três poemas analisados e já mencionados a temática da fome, do sujeito marginalizado e a luta do povo para resistir e viver com dignidade. Embora o poeta tenha mais de cinquenta anos dedicados a poesia popular, publicado obras importantes, de caráter social, político e de relevância para cultura nordestina, não tinha sido, até o momento, estudado no meio acadêmico. Este trabalho inédito sobre a obra e o poeta Dedé Monteiro contribui para visibilidade da poesia popular nordestina, a qual é vista erroneamente à margem da literatura nacional. Literatura esta, aqui representada por este escritor singular e atuante, o qual pode ser sujeito de uma fortuna crítica.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para trabalhos futuros que desejem adentrar ainda mais no conhecimento da literatura popular e que tem raiz na oralidade. Trabalhos esses que podem investigar mais a fundo alguma característica específica da escrita popular, em especial a escrita do poeta nordestino, bem como a análise de outras questões o que, com certeza, contribuirá com a comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

CASCUDO, L. D. C. **Literatura oral no Brasil**. 1ª. ed. São Paulo: Global, 2012.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Cultura Digital, **Dedé Monteiro, O Papa da Poesia**. Disponível em: <http://culturadigital.br/mincnordeste/2017/01/12/dede-monteiro-o-papa-da-poesia/>
Acesso em: 19 fev. 2018.

Mapa Cultural de Pernambuco. **Dedé Monteiro**. Disponível em: <
<http://www.mapacultural.pe.gov.br/agente/61/>> Acesso em: 02 mares 2018.

MELO, R. A. D. **Arcanos do verso**: trajetórias da Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte. 2003. 156f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

MONTEIRO, D. **Fim de feira**. Recife: Editora Coqueiro, 2006.

MONTEIRO, D. **Mais um baú de retalhos**. Recife: Editora Universitária UFRPE, 1995.

MONTEIRO, D. **Meu quarto baú de rimas**. Recife: Edições Bagaço, 2010.

MONTEIRO, D. **Retalhos do Pajeú**. Recife: Imprensa Universitária UFRPE, 1984.

MONTENEGRO, M. S. M. **Manuel Monteiro e as várias faces do texto de cordel**. 2014. 174 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

Recanto das Letras. **Conceitos de Literatura**. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/278085>) Acesso em: 10 fev. 2018.

RODRIGUES, F. D. P.; ODA, L. K. S. **Os Grilhões Desvencilhados? A Fundação de um Nacionalismo Romântico**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/g00001.htm> Acesso em: 11 fev. 2018.

SARAIVA, A. **Folhetos de cordel e outros da minha coleção Catálogo**. Porto: Biblioteca Almeida Garret, 2006.

ANEXOS

Anexo 1 - Dedé Monteiro recebendo o prêmio de patrimônio



Fonte: Cultura.PE, Dedé Monteiro recebendo o prêmio de patrimônio cultural vivo, elegido pelo Fundarpe, Câmara e do secretário de Cultura, Marcelino Granja (2017).

Anexo 2 - Dedé Monteiro na Fliporto



Fonte: Cultura e coisa e tal. Dedé Monteiro na Fliporto, por Alexandre Moraes (2010).

Anexo 3 - Dedé Monteiro homenageado no 3º Pajeú em Poesia



Fonte: blog da AJUPTA (Associação da Juventude Poética de Tabira). Dedé Monteiro homenageado no 3º Pajeú em Poesia (2011).

Anexo 4 – Livros publicados de Dedé Monteiro



Fonte: Blog Dedé Monteiro, Livros (2011)